

Eugene O'Neill (1888-1953)

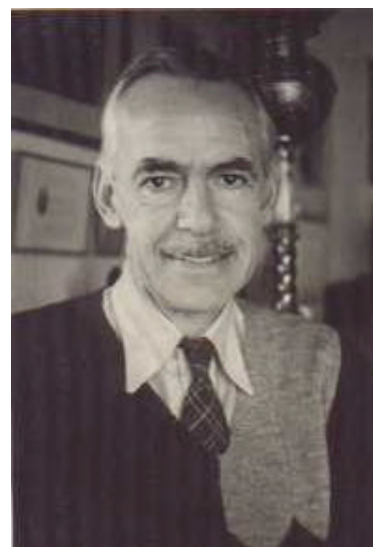
Mourning Becomes Electra

Trilogia em 13 atos
(1931)

Tradução e adaptação resumida por Helder da Rocha
14 de maio de 2004
www.helderda Rocha.com.br

O Autor

Eugene Gladstone O'Neill é considerado o maior dramaturgo dos Estados Unidos. Ganhador dos prêmios Pulitzer e Nobel de literatura, O'Neill nasceu em Nova York, no dia 16 de outubro de 1888. Seu pai, James O'Neill, era um ator conhecido, famoso por sua atuação em *O Conde de Monte Cristo* de Alexandre Dumas. Durante sua infância ele viajou bastante com seus pais. Em 1909, partiu em uma expedição de garimpo de ouro na América Central. Posteriormente, como marinheiro, viajou para Buenos Aires, trabalhou em diversas ocupações diferentes na Argentina e foi pastor de mulas em um barco a vapor para a África do Sul. De volta aos Estados Unidos, ele trabalhou como jornalista em um jornal de Connecticut até ser acometido pela tuberculose, que obrigou-o a internar-se por vários meses em um sanatório, aos 23 anos. Esse acontecimento marcou a sua carreira e, de volta do sanatório, escreveu sua primeira peça. Casou-se três vezes e teve três filhos. Sua vida é marcada por várias tragédias pessoais.



Eugene O'Neill nos anos 40
(fonte: www.eoneill.com).

A maior parte de suas peças exploram aspectos profundos da psicologia humana em seus dramas e tragédias. Em vida, ganhou três prêmios Pulitzer pelas peças *Beyond the Horizon* (1920) – que muitos consideram um marco no teatro americano –, *Anna Christie* (1921) e *Strange Interlude* (1928). Em 1936 tornou-se o primeiro dramaturgo americano a receber o prêmio Nobel de Literatura. Várias de suas peças foram produzidas após a sua morte, como *The Iceman Cometh* e *Long Day's Journey Into Night* (*Longa Jornada Noite Adentro*), autobiográfica, que ele próprio não permitiu que fosse encenada durante sua vida, e que lhe rendeu o quarto prêmio Pulitzer postumamente. O'Neill considerava o dramaturgo sueco August Strindberg sua principal fonte de inspiração dramaturgic. Ele próprio foi modelo para dramaturgos americanos que o sucederam como Tennessee Williams, Arthur Miller e Edward Albee. Eugene O'Neill morreu no dia 27 de novembro de 1953.

A Obra

Mourning Becomes Electra (*Electra fica bem de luto*) é considerada uma das obras mais ambiciosas de Eugene O'Neill. Montada em 1931, é uma trilogia que consiste de três peças: *The Homecoming* (*A volta para casa*), em quatro atos, *The Hunted* (*O caçado*), em cinco atos, e *The Haunted* (*Os assombrados*), em quatro atos. A realização da peça dura quase seis horas.

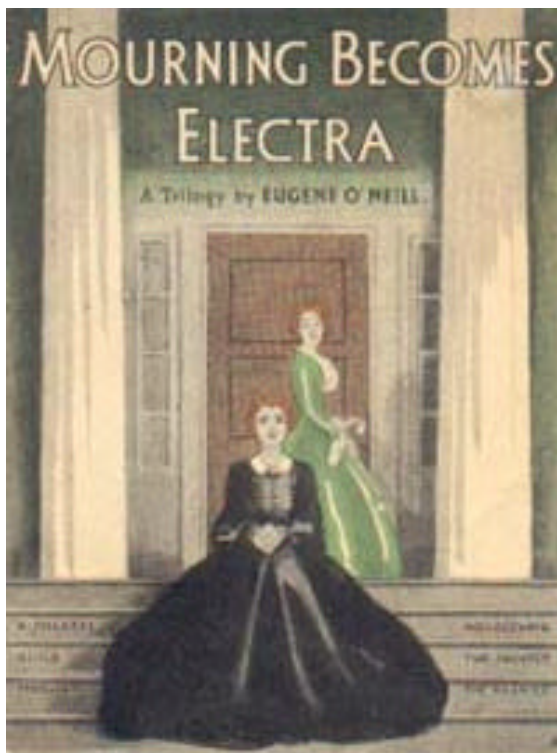
A trilogia é inspirada na também trilogia *Oréstia*, de Ésquilo, transposta para a Nova Inglaterra durante a guerra de secessão dos Estados Unidos. A primeira peça (*The Homecoming* – baseada em *Agamemnon*, na *Orestia*) narra o retorno do general Ezra Mannon (Agamemnon, na *Orestia*) da guerra de secessão (guerra de Tróia) para sua mansão, onde encontrará sua esposa adúltera Christine (Clitemnestra) e sua fiel filha Lavínia (Electra). A segunda peça (*The Hunted* – *Coéforas*) narra o retorno do irmão de Lavínia, Orin (Orestes), e sua partida para vingar a morte do pai. A terceira peça (*The Haunted* – *Eumênides*) explora os efeitos psicológicos dos eventos anteriores nas vidas dos sobreviventes. Apesar do paralelo com a trilogia *Orestia*, a peça de O'Neill não guarda semelhanças na estrutura com a tragédia grega. É uma obra moderna, profunda, com personagens fortes, bem construídos e momentos de grande dramaticidade.

A peça *Mourning Becomes Electra* foi adaptada para o cinema em 1947 com direção, produção e adaptação de Dudley Nichols com Rosalind Russell como Lavínia, Michael Redgrave como Orin, Raymond Massey como Ezra Mannon, Katina Paxinou como Christine, Leo Genn como Adam e Kirk Douglas como Peter.

Este texto contém uma versão resumida da obra, em prosa, para fins de estudo. Foi mantida a estrutura original em 13 atos separados em três peças.



Cena da estréia no Guild Theatre. Nova York, 1931 (fonte: www.eoneill.com)



Mourning Becomes Electra

Guild Theatre

Estréia: 26 de outubro, 1931

Diretor: Philip Moeller

Seth Beckwith - Arthur Hughes

Amos Ames - Jack Byrne

Louisa Amos - Bernice Elliott

Minnie Amos - Emily Lorraine

Christine Mannon - Alla Nazimova

Lavinia Mannon - Alice Brady

Peter Niles - Philip Foster

Hazel Niles - Mary Arbenz

Adam Brant - Thomas Chalmers

Ezra Mannon - Lee Baker

Mrs. Josiah Borden - Augusta Durgeon

Mrs. Everett Hills - Janet Young

Dr. Joseph Blake - Erskin Sanford

Josiah Borden - James Bosnell

Everett Hills - Oliver Putnam

Orin Mannon - Earle Larimore

A Chantyman - John Hendricks

Abner Small - Erskin Sanford

Ira Mackel - Oliver Putnam

Joe Silva - Grant Gordon

Fonte: www.eoneil.com

Eugene O'Neill

Electra Fica Bem de Luto

Uma trilogia

Parte Um: O Regresso¹
Peça em quatro atos

Parte Dois: A Caçada
Peça em cinco atos

Parte Três: Assombrações
Peça em quatro atos

A maior parte da ação das três peças da trilogia ocorre em volta da mansão da família Mannon, que fica em um subúrbio portuário na Nova Inglaterra, nos Estados Unidos. As peças ocorrem ou no verão ou na primavera dos anos de 1865 a 1866.

¹ O título da trilogia: *Mourning becomes Electra* apresenta o verbo *to become* na forma transitiva, que significa *to suit, to benefit*, ou seja, adequar-se, favorecer-se, assentar-se, cair bem em, etc. Preferi a tradução “Electra fica bem de luto”. Outras traduções incluem “Electra enlutada” (que, na minha opinião, muda o sentido) ou “O luto assenta a Electra” (que, na minha opinião, torna mais difícil a compreensão). As traduções de língua espanhola utilizaram “El luto le sienta bien a Electra”. As peças da trilogia: *the Homecoming* (a volta para casa) traduzi como “O Regresso”, *the Hunted* (o caçado) traduzi como “A Caçada” e *the Haunted* (os assombrados) traduzi como “Assombrações”.

Electra Fica Bem de Luto
Parte I
O Regresso

Personagens:

Brigadeiro-general EZRA MANNON

CHRISTINE, *sua esposa*

LAVÍNIA, *sua filha*

Capitão ADAM BRANT, *marinheiro do navio "Flying Trades"*

Capitão PETER NILES, *artilheiro*

HAZEL NILES, *irmã de Peter*

SETH BECKWITH, *jardineiro*

AMOS AMES, LOUISA (*esposa de Amos*), MINNIE (*prima de Louisa*), *visitantes da mansão.*

Primeiro Ato

*Parte externa da mansão da família Mannon
na Nova Inglaterra, abril de 1865.*

O Sol se põe diante da casa da família Mannon e as colunas brancas gregas, que caracterizam a fachada, projetam escuras sombras contra as paredes de pedras cinzentas da casa. Ouve-se a voz de um homem cantando uma cantiga que tem o ritmo das ondas do mar. Ele canta "Shenandoah". É o jardineiro Seth, que, com a permissão de Lavínia, mostra a casa dos Mannon a Amos Ames, sua esposa Louisa e a prima Minnie. Os três são habitantes da vila. Simples e curiosos, se interessam pela vida dos ricos e reservados Mannon.

Através das explicações de Seth para Amos, Louisa e Minnie, ficamos sabendo que Ezra Mannon é general no exército do general Grant². Tendo iniciado sua carreira militar como soldado na guerra do México, deixou o serviço militar como major e seguiu carreira como juiz. Foi eleito prefeito e, quando a guerra estourou, voltou e foi promovido a general com a vitória de Grant. Ezra é bastante popular, mas o povo não gosta de sua esposa, descendente de franceses e holandeses.

Pouco depois, Christine, a esposa de Ezra aparece na varanda. Apesar de ter cerca de 40

² Ulysses S. Grant (Hiram Ulysses Grant) era general na guerra civil fiel ao presidente Lincoln. Foi vitorioso na batalha contra o general rebelde Robert Lee em 9 de abril de 1865. Tornou-se presidente dos Estados Unidos em 1869 e governou até 1877. Esta cena da peça se passa no dia da vitória de Grant, o que motiva o regresso do general Ezra Mannon, vitorioso, e de seu filho Orin.

anos, ela parece bem mais jovem e veste um sensual vestido verde. Depois de um pequeno intervalo ela deixa a varanda e caminha na direção do jardim. Em seguida, a porta da mansão se abre e aparece Lavínia e pára nos mesmos batentes onde sua mãe havia estado há pouco. Ela tem 23 anos mas parece bem mais velha. Diferentemente de sua mãe, ela se veste de maneira pouco atraente e com um vestido preto e comum. Apesar das diferenças, não pode-se deixar de notar a semelhança do seu rosto com o da sua mãe.

Lavínia acaba de chegar de Nova York, ela diz a Seth, que deseja falar -lhe sobre o Capitão Brant, que ele acredita estar querendo cortejá-la. Mas ele é interrompido pela visita do Capitão Peter Niles e sua irmã Hazel. Hazel é a noiva de Orin, irmão de Lavínia, e ela está preocupada pois Orin não escreve para ela há meses. Peter foi mandado de volta por ter sido ferido na guerra e estaria voltando caso a guerra não houvesse terminado. Peter deseja casar-se com Lavínia, mas ela rejeita-o. Ele acha que é por causa do Capitão Brant que todos acreditam estar cortejando Lavínia. Peter deixa a cena com a chegada de Christine.

As duas conversam em um tom irônico. Percebe-se que elas não se dão muito bem. Não se olham nos olhos. Percebe-se também a semelhança extraordinária entre as duas. Christine havia voltado de Nova York supostamente para visitar o pai, mas ela não sabe que Lavínia também havia estado lá. Christine diz que no caminho havia encontrado o capitão Brant e tinha convidado-o para fazer uma visita e ver Lavínia.

Christine sai e Lavínia encontra Seth, que tinha uma informação sobre o Capitão Brant. Seth pergunta a Lavínia se ela não havia notado a semelhança entre o Capitão Brant e seu pai e depois revela que ele é filho de uma enfermeira canadense³ que havia se casado com seu tio David, expulso da família. Ele adotou o nome abreviado de sua mãe, Marie Brantôme. Seth não confirma a história. Ele admite que pode estar errado e pede que Lavínia tente confirmá-la no encontro com Brant.

Entra Adam Brant, um jovem forte e bonito, de cabelos escuros e bigode, vestido de forma elegante, um pouco extravagante. Ele se apresenta a Lavínia. A conversa começa de forma amigável. Eles conversam sobre a guerra e a rendição do general Lee. Depois, o diálogo começa a ficar tenso pois Lavínia passa a falar com uma leve ironia e agir de modo estranho. Brant se aproxima de Lavínia e começa a tentar seduzi-la dizendo que sempre irá lembrar-se

3 No original "Canuck", que refere-se a canadense francês. O termo é depreciativo e revela um preconceito de classe.

dela quando pensar nas ilhas abençoadas que encontrou em suas viagens. Depois tenta segurar a sua mão mas ela, já irritada com a sua falsidade, grita:

– “Não me toque! Não se atreva! Seu mentiroso! Seu!” – E continua: – “Mas seria tolice esperar qualquer coisa além de mentiras de romantismo barato de um filho de uma baixa enfermeira canadense”.

Adam Brant enfurece-se com o insulto a sua mãe:

– “Nenhum Mannon pode insultá-la enquanto eu...”

E assim Lavínia confirma a autenticidade da história contada por Seth. Brant revela que sua única vergonha é “seu imundo sangue Mannon” e revela:

– “Aposto que [seu pai] nunca contou que o seu avô, Abe Mannon, assim como o seu irmão amaram a minha mãe!”

Lavínia não acredita. Adam prossegue explicando que: – “os Mannon roubaram o meu pai, que arruinado, passou a beber e, covarde como todos os Mannon, passou a ter vergonha de mim e de minha mãe. Uma noite, ele chegou e bateu nela. Eu o acertei na cabeça. Minha mãe implorou para que eu perdoasse o meu pai, mas eu nunca o fiz. Um dia, ele apareceu morto enforcado em uma fazenda.”

Aos dezessete anos, Adam deixou sua mãe e foi navegar pelos mares. De volta a Nova York, encontrou-a morrendo de fome e doença.

– “Não sabendo onde me encontrar” – , disse Adam, – “ela abandonou sua última gota de orgulho e escreveu a seu pai por um empréstimo. Ele nunca respondeu. E eu cheguei tarde demais. Ela morreu em meus braços. Ele [seu pai] poderia tê-la salvado, mas ele deliberadamente deixou que ela morresse! Ele é tão culpado de sua morte quanto qualquer um dos que ele enviou para a forca quando era juiz!”

Lavínia responde:

– “Ela é seu único meio de vingança contra meu pai, não é?”

Brant não entende:

– “Ela? Ela quem?”

– “Você saberá em breve” – diz Lavínia, e depois, vai deixando a varanda.

Segundo Ato

Escritório de Ezra Mannon dentro da mansão.

O móveis do escritório são antigos, de estilo colonial. No fundo, à direita, há uma porta que leva ao corredor. Na parede, à direita há uma pintura de George Washington la deado por retratos menores de Alexander Hamilton e John Marshall. No fundo, ao centro, há uma lareira. À esquerda da lareira, uma estante cheia de livros de direito. Acima da lareira, em uma moldura simples, há um grande retrato de Ezra Mannon, pintado há dez anos, em trajes de juiz. É impossível não perceber a semelhança dos seus traços com os de Adam Brant. À esquerda há duas janelas. Entre elas uma escrivaninha e, do lado esquerdo, ao centro, há uma grande mesa com uma cadeira de braços de cada lado. O Sol se põe do lado de fora.

Lavínia é vista diante da mesa. Olha fixamente para o retrato do pai e põe a sua mão sobre a dele e diz “pobre pai”. Entra Christine, irritada por ter sido chamada ao encontro com Lavínia. Lavínia diz:

- “Suponho que Annie lhe disse que saí para visitar Hazel e Peter enquanto você estava fora”.
- “Sim”, responde Christine.
- “Não é verdade.”
- “Então, para onde você foi?” — , pergunta Christine.
- “Para Nova York!” — responde Lavínia em tom de acusação. — “Eu a segui e vi quando você se encontrou com Brant!”

Christine tenta se defender da acusação mas para cada explicação, Lavínia tem uma informação que a desmente. Finalmente, Christine cede e assume o relacionamento. Explica que o casamento com Ezra já estava morto há anos. Lavínia desespera-se ao ouvir a confissão da mãe. Grita com ela:

- “Então você sempre detestou o pai!”
- “Não, eu o amei antes. Antes de casar-me com ele. Mas o casamento logo transformou seu romance em... nojo”
- “Então eu nasci do seu nojo! Sempre achei que isto fosse verdade!” — lamenta Lavínia.

E as duas discutem. Falam sobre como a mãe odiava a filha e amava o filho, Orin, irmão

de Lavínia. Lavínia acusa a mãe de incentivar o pai a ir a guerra mas fazer de tudo para que o filho não fosse. Já Christine acusa Lavínia de incentivar a viagem do irmão.

Christine diz que jamais teria se apaixonado por Adam Brant se Orin não tivesse partido para a guerra. Lavínia revela que ele não a ama. Quer apenas vingar -se do seu pai. É filho daquela enfermeira que foi expulsa de casa! Mas Christine já conhece toda a história. Lavínia revela que não deseja contar ao pai o que sabe, pois teme pelo seu coração, mas deixa claro que se ela o fizer, será a desgraça de Christine. Mas ela depois expõe suas condições:

– “Eu não contarei, desde que você desista de Brant e nunca mais o veja. E prometa ser uma esposa fiel ao pai e corrigir o mal que fez a ele.”

Christine sorri na inocência da filha, e a acusa de, na verdade, querer Alan Brant para ela. Ela responde

– “Suponha, então, que eu fuja com Adam! Onde estará o seu pai e o nome da família depois desse escândalo? E daí se eu cair em desgraça? Eu teria o homem que eu amo, pelo menos!”

– “Não por muito tempo” – , retruca Lavínia. – “O pai usaria toda a sua influência para tirar o comando que Brant possui sobre o seu cargueiro e iria colocá-lo em uma lista negra para que nunca mais conseguisse nada. E o pai nunca iria divorciá-la. Você nunca iria poder casar. Não esqueça que você é cinco anos mais velha que ele!”

Christine perde o controle: – “Seu demônio! Coisinha cruel!” – mas logo se recompõe. Aceita as condições de Lavínia. Ainda acredita que Lavínia tem uma queda por Adam e aproveita para informa-la de que foi ela quem o instruíra para flertar com a filha. Era para diminuir a desconfiança.

Lavínia promete ficar de olho em Christine. Avisa que Brant está do lado de fora e ordena que ela mande-o embora e diga que ele nunca mais volte. Ela voltará em meia-hora e, se ele ainda estiver lá, ameaça escrever para o pai:

– “Nem vou esperar que ele chegue em casa!”

Christine chama Adam. Ele entra no escritório e senta-se no lugar de Ezra, como se fosse o próprio. Ela conta tudo a ele e ele lembra quando se conheceram:

– “Lembro-me da noite em que fomos introduzidos e eu ouvi aquele nome: Sra Ezra Mannon! Por Deus, como eu a odiei por ser dele. Pensei, por Deus, eu a tomarei dele e isto

será a minha parte da vingança! E do ódio surgiu o amor! Não é estranho?”

Adam promete a Christine que jamais deixará que Mannon a leve de volta. Falam sobre a esperança de que o general fosse morto na guerra, mas ele acabou sendo vitorioso, mas Christine não acha que tudo está perdido.

Christine fala do problema do coração. Ela falou com o médico de Ezra e toda a cidade já sabe que ele sofre do coração. Ela pesquisou sobre o assunto e descobriu uma droga que poderia causar-lhe um ataque cardíaco, e que ninguém desconfiaria. Ela passa o papel para Adam para que ele procure o medicamento e envie para ela. Brant indaga a Christine como é que ela vai fazer para envenená-lo.

– “Ele está tomando remédio” –, ela responde. – “Eu darei a ele seu remédio.”

Brant está inseguro e demora a aceitar a idéia, mas Christine lentamente o convence, apelando para o amor de sua mãe e humilhando-o com sua descendência dos Mannon. Ele protesta:

– “Veneno! É o truque de um covarde!”

– “Você não disse que queria matá-lo?”, indaga Christine.

– “Sim, mas eu pelo menos daria-lhe uma chance de defesa!”, responde Adam.

– “E ele? Ele deu uma chance a sua mãe?” ela completa. Com esse argumento, ele finalmente aceita o pacto, e parte.

Terceiro Ato

*Mesmo cenário do primeiro ato, parte externa da mansão,
à noite, uma semana depois.*

A casa é iluminada pela luz de uma meia lua. Lavínia senta-se no alto das escadas da varanda. Ouve-se a voz de Seth, que canta Shenadooah como no início do primeiro ato. Ele está bêbado e Lavínia o repreende. Ele defende-se. Diz que da primeira vez foi em comemoração à rendição de Lee às tropas de Grant. Agora, ele bebe em luto pelo presidente que fora assassinado⁴. E completa

– “A terceira vez será quando seu pai chegar!”

Lavínia acredita que o pai chegará naquela noite. Seth, bêbado, revela a Lavínia que Marie Brantôme era muito bonita, livre e alegre. Todos gostavam dela, inclusive o pai de Lavínia.

4 Abraham Lincoln fora assassinado no dia 16 de abril, sexta-feira da paixão, daquele ano (1865) no teatro Ford em Washington, pelo ator John Wilkes Booth que acreditara, ao matá-lo, estar ajudando aos estados do Sul.

Lavinia não acredita nesta parte da história. Acha que Seth está bêbado e manda -o embora.

Christine aparece na porta e dirige-se à varanda onde está Lavinia. Assim que chega já começa a discutir com a filha. Pergunta porque a filha não se casa com Peter . Lavinia responde que não vai se casar com ninguém, pois tem deveres com seu pai. Enquanto discutem, uma pessoa se aproxima das duas. É Mannon, que finalmente voltara para casa. Lavinia grita de felicidade e corre para abraçá-lo. Christine segue e, depois, o cumprimenta, formalmente. Ele presta atenção em Christine. Acha-a diferente. Mudada. Mais bonita. Ela agradece os elogios, mas em um tom um pouco irônico.

Christine pergunta por Orin. Ezra revela que ele foi ferido. Christine perde a calma

– “Eu sabia! Eu sabia quando você o forçou a participar de sua guerra horrível! Não precisa segurar a notícia. Orin está morto, não é?”

– “Não”– responde Mannon, e explica como aconteceu. – “Orin está hispitalizado. Foi ferido na cabeça e passou a agir como se fosse uma criança, chamando pela mãe.”

Lavinia pergunta ao pai sobre seu coração. Mannon desconversa. Diz -se ótimo. Fala que a dor é insuportável e que o médico deu ordens para evitar emoções muito fortes. Christine acha-o cansado e chama para a cama, mas Lavinia protesta. Diz que tem muito a falar-lhe. Sobre o Capitão Brant. Christine consegue se safar antecipando que o Capitão Brant é o último pretendente da filha. Lavinia se defende dizendo que só saíra com ele uma vez e isto foi antes de descobrir que ele era um mulherengo. Ela explicou que ele flertava até com a mãe e que isto era motivo de fofocas pela cidade. Mãe e filha começam a discutir, mas Ezra irrita -se e pede que parem. Lavinia entra e deixa os dois a sós.

Christine pergunta a Mannon:

– “Sente-se, Ezra.” – e depois – “Agora diga-me. De que é que desconfias de mim?”

Mannon demonstra surpresa com a pergunta mas Christine insiste. Diz que sentiu a sua desconfiança deste o momento em que ele chegou. Mannon pede que ele se acalma, mas quer que ela explique a história de Brant. Christine então explica que o encontrou na casa do pai, e que o pai dela, por algum motivo, simpatizara com ele. Ela lembra que o pai dela esteve doente. Mannon se compadece, e pede desculpas por ter sido injusto. Ele então começa a agir de forma carinhosa com Christine. Diz

– “Eu sonhava em voltar para casa para vê -la, Cristina. Você está linda. Mais que nunca.

Eu não a reconheço. Está mais jovem. Pareço um velho ao seu lado.”

E aproxima-se de Christine, afagando seus cabelos. Christine não consegue manter a calma e o repele violentamente, mas depois pede desculpas. Diz que está nervosa e cansada.

Ezra tenta falar com Christine. Conta como a guerra fez com que visse a vida com outros olhos e tivesse desejo de voltar para casa, para a sua família. Conta que o casamento não ia bem e ele sentira que ela queria que ele fosse a guerra. Achava que ela o detestava. E ele foi, torcendo para que isto acontecesse mesmo. Que ele morresse na guerra. Ele confessa que tudo o que ele fez na vida, desde a sua profissão de juiz até a de prefeito, foi para deixá-la em paz já que não podia ter o que mais desejava na vida, que era o seu amor. No final, deixa claro que precisa fazer com que ela o ame agora. Christine fica impaciente e sugere que é tar de e que é hora de entrar.

Antes de entrarem, Lavínia aparece mais uma vez, e se desespera quando a mãe entra com o pai. Lamenta para si que o pai ainda dê atenção à mãe. Ela quer contar tudo ao pai e grita por ele. Ele abre a janela do quarto e pergunta o que houve. Lavínia responde

– “Eu... eu esqueci de dizer boa noite, pai”.

– “Meu Deus” – ele diz. Mas depois, aliviado, diz boa noite à filha e fecha a janela.

Lavínia permanece olhando para o alto, triste e mostrando um leve desespero.

Quarto Ato

Quarto do casal Mannon, de madrugada.

No quarto no casal Mannon há uma cama no fundo, ao centro. À esquerda há um criado mudo com uma vela. À esquerda do criado mudo há uma porta que leva ao quarto de Christine. A porta está aberta. Na parede à esquerda há duas janelas. À esquerda, na frente, há uma mesinha com um abajur e uma cadeira. Na parede à direita está a porta que leva ao hall. O quarto está às escuras.

Christine lentamente se levanta e tenta sair, sorrateiramente da cama. Caminha na ponta dos pés até a mesa, e põe um vestido que estava sobre a cadeira. Ela fica atenta a qualquer ruído que venha da cama. De repente, uma voz:

– “Christine”

É Mannon. Christine se assusta e responde:

– “Sim?”

Mannon pergunta se não está próximo do amanhecer. Depois, indaga porque está tão assustada. Ela confessa que não tinha conseguido dormir. Ele também não. Mannon acha melhor acender a luz e conversar. Christine acha que não é uma boa idéia. Eles começam a discutir. Mannon acha que há algo errado. Lavínia passou a noite acordada até as duas da manhã. Ele ouviu os passos dela.

Mannon acha que Christine espera algo acontecer. Ele fala

– “Eu não sei [o que é]. Esta casa não é minha casa. Este não é meu quarto nem minha cama. Eles estão vazios, esperando que alguém se mude para cá! E você não é minha esposa! Você está esperando alguma coisa!”

– “O que seria?”

– “A morte. Para libertá-la.” – diz Mannon.

Mannon inicia uma discussão. Christine, nervosa, confessa o nojo que sente dele. Ele fica furioso, mas depois, como se temesse pelo coração, pede calma. Mas é tarde. Christine está decidida a contá-lo a verdade:

– “Eu menti sobre tudo. Eu menti sobre o Capitão Brant. Ele é filho de Marie Brantôme. E fui eu que ele veio ver, não Lavínia! Eu fiz com que ele viesse!”

Mannon fica enfurecido:

– “Você se atreveu! Você! O filho daquela...!”

– “Sim, eu me atrevi!” – grita Christine, e declara o seu amor pelo Capitão.

Mannon, alterado, tenta se levantar da cama

– “Sua... sua puta! Eu te mato!” – mas de repente ele cai, e geme, com uma dor forte do lado esquerdo.

– “Rápido! Meu remédio!” – ele grita.

Christine finge preocupação e pergunta a ele onde está. Enquanto isto, ela corre para seu quarto e volta com uma pequena caixa, e tira um comprimido da mesma. Entrega a Mannon um copo de água e o comprimido. Ele o toma e bebe a água.

De repente, ele suspira – “Esse não é ... não é o meu remédio!”

Christine se afasta, com a caixa na mão, procurando um lugar para escondê-la.

– “Socorro, Vinnie!” – grita Mannon.

Lavínia entra assustada. Christine explica:

- “Seu pai acaba de ter um ataque”.
- “Pai!” – grita Lavínia. – “Ele está desmaiado!”

Christine tenta se livrar da filha:

- “Não. Ele está bem agora! Deixe-o dormir.”

No seu último suspiro, Mannon sussura para a filha

- “Ela é culpada ... não é remédio!” – e morre.

Lavínia pergunta a mãe porque o pai apontou para ela. Porque ela disse que ela era culpada. Christine conta que dissera a ele que Adam era o seu amante. Lavínia chora:

- “Você disse isto a ele quando sabia do seu coração! Você fez de propósito! Você o matou!”

– “Não”, replicou Christine – , “a culpa foi sua por ter levantado as suspeitas. Ele me forçou a contar!”

Lavínia segura a mãe com força e grita:

- “Ouve! Olha pra mim! Ele disse 'não é remédio!' O que isto quer dizer?”

Christine tenta esconder o veneno nas suas costas e diz – “Não sei.”

Lavínia não acredita. A mãe sente-se fraca e desmaia. Quando cai, a caixa escapa de suas mãos. Lavínia olha para a caixa e tem a certeza do crime. Corre para o homem morto, o abraça e chora:

- “Pai! Não me deixe só! Volte para mim! Diga-me o que fazer!”

Electra Fica Bem de Luto
Parte II
A Caçada

Personagens:

CHRISTINE, *viúva de Ezra Mannon*
LAVÍNIA (VINNIE), *sua filha*
ORIN, *seu filho, primeiro tenente da infantaria*
Capitão ADAM BRANT
HAZEL NILES
PETER, *irmão de Hazel*
JOSIAH BORDEN, *gerente da transportadora*
EMMA, *sua esposa*
EVERETT HILLS, *ministro da Igreja Congregacional*
SUA ESPOSA
DOUTOR JOSEPH BLAKE
CANTOR
SETH, *jardineiro*

Primeiro Ato

*Exterior da mansão dos Mannon – uma noite de lua
dois dias depois do assassinato de Ezra Mannon.*

A casa tem um aspecto sombrio, acentuado pela luz da Lua. Todas as janelas estão fechadas. Uma coroa de flores está posta junto à coluna à esquerda dos degraus. Outra coroa está na porta. Ouvem-se vozes do interior da casa. A porta da frente abre-se e saem Josiah Borden, gerente da transportadora e sua esposa, Everett Hills, ministro da igreja Congregacional e sua esposa, e o doutor Joseph Blake, o médico da família. Todos dizem “Boa Noite Sra. Mannon” e dirigem-se às escadas quando a porta se fecha. Os homens param no alto dos batentes para acender cigarros enquanto que as mulheres descem.

O primeiro diálogo que ouvimos é entre a Sra. Borden e a Sra. Hills. Comentam sobre o funeral e sobre as aparências de Christine e Lavínia. Através delas ficamos sabendo que Lavínia pegou o trem com Peter para se encontrar com Orin, e que antes de partir ela tivera uma discussão com a mãe que insistira que Peter fosse junto. Lavínia queria ir sozinha. Pouco depois, os homens descem e juntam-se às mulheres. Comentam sobre sua morte. O médico,

Dr. Blake, não tem dúvidas que ele sofrera uma angina. Depois que as mulheres e o ministro se afastam um pouco mais, Blake confia a Borden que ele acha que Mannon morreu por ter feito amor com a mulher depois da chegada:

– “Ela é uma mulher muito bonita e ele estava fora por muito tempo. É o natural entre homem e mulher; mas não é o tratamento que eu recomendaria em caso de angina. Ele deveria ter se precavido, mas – bem – ele era humano.”

Depois que eles partem, Christine sai da casa, pára um pouco no alto dos batentes e depois desce para a entrada. Pouco depois, Hazel Niles sai da casa e pára no alto dos degraus onde estava antes Christine. Hazel conversa com Christine. Num certo momento, Christine pergunta:

– “Você ama Orin, não é mesmo?”

Hazel hesita em responder. Christine sempre foi hostil ao relacionamento entre ela e Orin, mas desta vez ela está diferente. Insiste:

– “Eu quero que ele case-se com você.”

Insinua que Lavínia é extremamente possessiva com Orin e fará tudo para impedir que os dois se casem. Hazel estranha pois nunca havia percebido essa atitude em Lavínia. Christine começa a lamentar a situação da família Mannon quase esquecendo -se que Hazel está presente, como se estivesse delirando. Depois, ela entra em casa e Hazel a segue.

Algum tempo depois aparecem, à direita, Orin Mannon, Lavínia e Peter. É notável a sua semelhança com Adam Brant e Ezra Mannon. Ele usa uma atadura na cabeça no alto da testa. Quando Orin chega diante da casa ele fica decepcionado porque a mãe não está esperando por ele. Lavínia sugere a Peter que entre na frente pois ela quer conversar a sós com Orin um pouco. Peter sai.

Lavínia está um pouco decepcionada por Orin porque ele não aparenta demonstrar suficiente pesar pela morte do pai. Orin defende-se dizendo que ainda estava sob o efeito endurecedor da guerra, e pede que Lavínia o compreenda. Orin pergunta a Lavínia sobre o Capitão Brant, que ela mencionara em suas cartas. Lavínia não explica mas adverte a Orin que não acredite nas mentiras que sua mãe irá contá-lo. Orin irrita-se com a hipótese que sua mãe mentiria para ele. Lavínia não tem tempo para se explicar. Christine aparece, irritada, porque Peter não avisou que haviam chegado.

Orin enche-se de júbilo ao ver a mãe. Corre para abraçá-la. Ela retribui o abraço e o beija. Ele comenta

– “Mãe! Por Deus, como é bom vê-la. Mas, você está diferente! O que aconteceu?”

– “Eu? Diferente?” responde Christine.

– “Acho que não. Espero que não.” – ; tenta mudar de assunto, tocando na atadura na sua cabeça – “Dói muito? Meu querido, como você deve ter sofrido” – e o beija. Depois convida-o a entrar – “Vamos entrar. Há alguém mais esperando vê-lo.”

Os dois viram-se para a porta. Lavínia, que está ao pé da escada, diz

– “Lembre-se, Orin!”

A mãe e a filha trocam olhares de ódio. Orin olha para a mãe com desconfiança. Ela diz a ele:

– “Entre, meu filho, está frio” – e o guia para dentro de casa, mas não o segue.

Christine fecha a porta e volta-se para Lavínia, irritada. Ela decide deixar claro que não adianta Lavínia contar nada a Orin pois ela já tem uma explicação para tudo. O doutor Blake já confirmou que a morte de Ezra foi por ataque cardíaco. Somente Christine fala. Lavínia só olha para ela sem dizer nada. Christine reclama que está sentindo falta do remédio que toma para dormir. Estava com ele quando desmaiou. Lavínia não responde. Ela, visivelmente irritada com o silêncio da filha, eleva o tom e continua, insinuando que a filha provavelmente acha que ela envenenou Ezra.

– “Eu sei o que você espera: quer contar a Orin suas mentiras e fazer com que ele procure a polícia! Não é isto que você tem planejado nesses últimos dias?”

Lavínia não responde. Christine se desespera – “Responda-me quando eu falar com você! O que você está tramando? O que você vai fazer? Me diga!”

Lavínia continua em silêncio. Christine afasta-se dela impaciente. Enquanto isto, ouve-se Orin chamando “Mãe, onde está você?” Então ela volta e entra na casa, dizendo docemente “Estou aqui, querido!”

Segundo Ato

*Sala de estar dentro da casa na
seqüência do primeiro ato.*

A sala é parecida com o escritório mas é maior. À esquerda, na frente, há uma porta que

leva à sala de jantar. Atrás, à esquerda, há uma mesa de parede e cadeira e uma escrivaninha e cadeira. Na parede dos fundos, ao centro, há uma porta para o hall e escadas. À direita está uma lareira ladeada por duas janelas. Retratos dos ancestrais decoram as paredes. No centro esquerdo da sala, na frente, há uma mesa com duas cadeiras. Há outra cadeira ao centro, na frente, e um sofá à direita, na frente, virado para a esquerda.

A cena começa no momento em que a outra termina. Hazel está sentada na cadeira ao centro, na frente. Peter está sentado no sofá à direita. Do hall ouve-se Orin chamando “Mãe, onde você está?” como no fechamento do ato precedente. Hazel e Peter conversam sobre Orin e Christine.

Orin e Christine entram em cena conversando. Orin pergunta à mãe, desconfiado, o que ela fazia do lado de fora. Ela desconversa dizendo que precisava de ar puro. Peter e Hazel entram na conversa e tentam convencer os dois (Orin e Christine) a descansar. Orin começa a fazer uns comentários que deixam Christine incomodada.

– “Tudo está mudado – de uma forma estranha – esta casa, Vinnie, você, eu – tudo menos o pai. Ele é o mesmo e sempre será – aqui – o mesmo! Não acha isto, mãe?”

Lavínia aparece na porta da sala. Ela entra mas não participa da conversa. Fica observando Christine e Orin. Orin continua fazendo comentários desagradáveis sobre a guerra e falando de morte, que deixa desconfortável sua mãe e também Hazel. Finalmente, Lavínia, em tom autoritário, chama Orin:

– “Orin! Venha ver o pai!”

– “Sim, senhor!” – ele reage, como se estivesse ainda na guerra.

– “Não! Espere!” – reage Christine para Lavínia, com rancor, – “Será que seu irmão não pode descansar sequer um minuto?”

– “Claro, mãe” – interfere Orin, – “você antes de tudo!”

Lavínia desiste, mas antes de voltar ao hall adverte:

– “Tudo bem. Só não esqueça o que eu disse, Orin.”

Christine desespera-se. Hazel e Peter percebem a tensão e, pouco à vontade, decidem que já é hora de ir. Christine convida Hazel para aparecer mais vezes. Diz

– “Você fará mais bem a Orin que qualquer pessoa, Hazel.”

Orin estranha a atitude da mãe, que sempre for a hostil a Hazel. Peter e Hazel partem.

Sem olhar para a mãe, Orin comenta:

– “Por que de repente você se encantou com Hazel? Você nunca pensava muito nela. Nem queria que eu saísse com ela.”

– “Eu era egoísta. Era ciumenta, também, eu confesso. Mas tudo o que quero é sua felicidade, filho. Eu sei o quanto você gosta de Hazel...”

– “Isto era só para fazer você ter ciúmes” – interrompe Orin, – “Mas agora você é uma viúva. Não faz uma hora que eu cheguei e você já está tentando me casar! Você deve estar muito ansiosa para se livrar de mim de novo! Por que?”

Christine tenta convencer Orin da solidão que ela sentiu sem ele, mas ele lembra que ela só mandou duas cartas. Ela protesta

– “Mas eu escrevi muito mais! Devem ter se extraviado...”

– “Eu recebi todas as cartas de Hazel – e de Vinnie” – interrompe Orin, e não resiste:
– “Quem é esse capitão Brant que tem procurado você?”

Christine já esperava pela pergunta, e emenda:

– “Procurado a mim? Vinnie, você quer dizer, não é?” – e tenta convencê-lo que tudo é invenção de Lavínia que contara a mesma história para o pai. Ezra, explica Christine, não levou muito a sério. Inicialmente Orin custa a acreditar que a irmã inventaria tais mentiras, mas Christine o convence que ela fazia isto por ter ciúmes dela em relação ao pai:

– “Ela é do seu pai! Você é parte de mim!” – explica Christine.

– “Sim! Eu também sinto isto, mãe!” – responde Orin.

Ela prossegue explicando que Ezra também tinha ciúmes de Orin:

– “Ele o odiava porque ele sabia que eu o a mava mais que qualquer coisa neste mundo!”.

Orin finalmente confessa:

– “Eu direi-lhe a verdade, mãe! Eu não vou fingir que eu sinto pela morte dele!”

Mas Orin volta a perguntar sobre Brant. Christine explica que isto também é arte de Lavínia, que teria se apaixonado por Brant. Brant estava se aproximando da família com segundas intenções, explica. Tinha interesse em usar a influência da família para conseguir um navio melhor. Christine teria descoberto o plano e impedido que ele aparecesse outra vez. Sobre a história que ela estava tendo um caso com o capitão, Christine explica a Orin que Lavínia a seguiu para Nova York para espioná-la e teria visto quando ela se encontrou com um

homem, que não era Brant mas o Sr. Lamar, amigo da família.

– “O pior de tudo” – explica Christine – “é que Vinnie suspeita que eu envenenei o seu pai!”

Orin fica horrorizado. Ele afirma que, se isto for verdade, Lavínia deveria ser internada. Christine explica:

– “Ela achou um remédio que eu tomo para dormir, mas ela é tão louca que tenho certeza que ela pensa...” – e agarra-se a Orin, dizendo como teme Lavínia e que ele acredite nas mentiras dela volte-se contra ela.

Orin assegura que isto nunca vai acontecer. Ele diz:

– “Não interessa o que você fez, eu a amo mais que qualquer coisa neste mundo e...”

Christine interrompe-o para abraçá-lo e beijá-lo, mas ele continua:

– “Mãe!” – fala, olhando-a nos olhos, – “eu poderia perdoar qualquer coisa – qualquer coisa – na minha mãe – menos aquilo – aquilo sobre Brant! Por Deus, eu a mostraria então que eu não aprendera a matar por nada!”

Orin acalma-se. Christine está nervosa. Ele pergunta:

– “Você realmente queria que eu voltasse, mãe?” – e explica como ficara louco com sua ausência. – “Eu queria desertar e fugir para casa – ou então morrer!”

Encosta a cabeça no joelho da mãe, e conta

– “Eu tinha os mais belos sonhos com você. Eu sonhava que eu estava nas ilhas do mar austral. E não havia mais ninguém lá exceto eu e você. Porém eu nunca a vi, só senti sua presença em todo o lugar. O quebrar das ondas era a sua voz. O céu tinha a cor dos seus olhos. A areia morna era como sua pele. A ilha inteira era você. Era a ilha mais bela do mundo – tão bela como você, mãe!”

Christine lamenta: – “Oh, se você nunca tivesse ido embora!”

– “Mas eu voltei! Tudo está bem agora, não está? Eu nunca vou deixá-la novamente. Eu não quero Hazel ou ninguém. Você é minha única garota!”

Lavínia aparece e surpreende os dois. Christine pergunta:

– “O que você quer?”

– “Você não vem ver o pai, Orin?” – ela pergunta.

Irritado, Orin se levanta:

– “Tá bem. Eu vou agora!”

Passa por Lavínia e bate a porta atrás dele. Christine fala com Lavínia:

– “Vá em frente e conte a Orin o que você quiser!” – e informa que já contou tudo a ele, sobre as mentiras da sua viagem a Nova York. Lavínia só escuta. Ela continua: – “Vá em frente! Tente convencê-lo da minha maldade! Ele me ama! Ele odiava seu pai! Ele está feliz que ele está morto! Mesmo se ele soubesse que eu o matei ele me protegeria.”

Lavínia ouve, depois deixa a sala. Christine treme com medo do que Orin poderia fazer se descobrisse Adam.

Terceiro Ato

*Escritório de Ezra Mannon dentro da casa
na seqüência do segundo ato.*

O caixão de Ezra Mannon está posto no centro do escritório. Orin está em pé ao lado do caixão. Orin fala com o pai morto. Quando Lavínia entra ele está terminando de dizer

– “Você nunca quis me conhecer em vida – mas eu realmente acho que poderemos ser amigos agora que você está morto!”

Lavínia entra e fecha a porta com a chave.

Orin conta que, na guerra, em todo homem que ele matava ele via o rosto do pai ou o dele.

– “Eu tinha a estranha sensação que guerra significava matar a mesma pessoa várias vezes.”

Depois diz a Lavínia que ela estará perdendo tempo se for falar contra a mãe. Ele já sabe das mentiras que ela inventou.

Lavínia tenta se defender. Diz que pode conseguir provas da infidelidade da mãe. Orin duvida. Lavínia insiste. Ameaça ir à polícia. Mostra o remédio que encontrou no dia da morte de Ezra, mas Orin sabe, através de Christine, que aquilo é só o remédio que ela toma para dormir. Mas Lavínia insiste:

– “[Antes de morrer] ele me disse 'ela é culpada!'”

Orin não se convence. Chama Lavínia de lunática. Toma o remédio da mão dela e põe no bolso do casaco. Lavínia tenta falar do Capitão Brant, mas Orin também já sabe que quem a mãe encontrou foi o Sr. Lamar. Lavínia continua insistindo:

– “Ela entrou no quarto dele! Eu segui os dois até o segundo andar. Eu ouvi quando ela disse para ele 'Eu te amo, Adam' Ela estava beijando -o”

Orin enfurece-se. Agarra a irmã e põe Lavínia de joelhos. Exige que ela confesse que é tudo mentira... ou que prove. É só o que Lavínia quer. Uma chance para provar a sua acusação. Pergunta a Orin:

– “Quando eu o fizer [provar a acusação], você me ajudará a punir os assassinos do pai?”

Orin, irado responde: – “Eu mato aquele bastardo!” Mas depois, mais calmo: – “Mas você não provou nada ainda. Você tem que provar!”

Christine aparece do outro lado da porta que está trancada. Ela quer entrar. Eles se calam. Lavínia pede:

– “Não deixe ela saber que você suspeita dela. Faça de conta que eu estou louca, como ela queria.”

Antes que Orin abra a porta, Lavínia tira o remédio do bolso de Orin e põe sobre o coração de Ezra e diz a ele:

– “Preste atenção quando ela vir isto – se você quiser provas!”

– “Imagino que você esteve contando suas mentiras vis, sua...” – começa Christine.

– “Ela está louca, mãe.” – interrompe Orin.

– “Não lhe disse? Eu sei que ela está tramando alguma coisa – louca! Ela ameaçou ir à polícia? Lembre-se que seu pai não iria querer escândalo – ele precisa descansar em paz.”

Depois ela olha para o morto e fala com ele. De repente, percebe a caixa de veneno sobre o coração. Assusta-se e se afasta com um grito, e fica olhando para ela com culpa e medo.

– “Mãe, pelo amor de Deus, se acalme!” – diz Orin, e olha para a mãe que está como em transe. – “Você é minha ilha perdida, não é mãe?” – ele diz meio desesperançoso e sai do quarto com olhar triste.

Lavínia finalmente tira a caixa de cima do caixão. Christine encara Lavínia que a acusa:

– “Foi Brant que lhe arranjou isto, não foi? Remédio para dormir, não é?”

– “Não, não, não!” protesta Christine. Lavínia pega o remédio e sai do quarto. Christine encara o morto e implora:

– “Ezra! Não deixe que ela faça mal a Adam! Eu sou a única culpada! Não deixe Orin...!”

– e pára, como se lesse uma resposta no rosto do morto. Assombrada, com os olhos fixos no caixão, dá uns passos para trás e sai correndo pela porta.

Quarto Ato

*Popa do navio “Flying Trades” em um cais na
zona leste de Boston – duas noites depois.*

Vê-se a popa de um navio cargueiro ancorado a um cais. O chão do cais está na frente. A lateral do navio tem cerca de três metros de altura em relação ao cais. Na popa, acima, à esquerda vê-se a direção. À esquerda o quarto de navegação e a entrada para as escadas que levam á cabine. À extrema esquerda vê-se parte da vela central. Ouve-se ao longe alguém cantando Shenadooah em tom desafinado. Um cantor bêbado que tenta dormir, perto de um armazém no cais, levanta-se irritado com o que ouve.

– “Corujas são cantores de ópera perto desse cantor. Eu vou ensiná-lo como cantar Shenadooah!”

E ele canta os primeiros versos em uma boa voz, mas desiste logo. Está muito bêbado. Começa a gritar e falar sozinho. Pouco depois, desce do navio Adam Brant, armado com uma pistola. Está escuro e ele pergunta:

– “Quem está aí?”

O cantor se levanta e se apresenta. Brant desculpa-se. Justifica a arma pois tem havido muitos assaltos. O cantor confirma e conta várias histórias de assaltos, inclusive com mortes. Depois torna-se inconveniente e aproveita para pedir emprego. Brant tenta se livrar dele. Ele continua onde está. Comenta sobre a morte de Abraham Lincoln e Ezra Mannon. Brant dá uma esmola e o homem vai embora.

Pouco depois, surge na escuridão, uma mulher entre o navio e o armazém. É Christine.

– “Quem é?”, pergunta Adam.

– “Adam!”

Ele a instrui para subir no navio e os dois aparecem no convés da proa. Eles se abraçam. Christine explica que Lavínia sabe de tudo. Adam, assustado, pergunta como ela chegou lá. Será que ela não a seguiu? Christine garante que não. Ela e Orin saíram para visitar os primos. Eles saíram pela manhã. Ela tem pouco tempo. Brant a chama para a cabine. Os dois descem as

escadas e desaparecem dentro da cabine.

Orin e Lavínia aparecem. Cuidadosamente aproximam-se pela esquerda. A cena escurece, sugerindo a passagem de vários minutos. Quando a luz volta, parte do navio foi removida para revelar o interior da cabine. Numa mesa estão sentados Brant e Christine. Ela está concluindo sua história sobre o assassinato e os eventos que se seguiram. No convés acima, Orin e Lavínia escutam a conversa.

Christine fala:

– “Quando ele estava morrendo ele apontou para mim e disse a ela que eu era culpada! E depois ela achou o veneno...”

– “Pelo amor de Deus, por que você não...” – interrompe Brant.

– “Eu desmaiei...” – ela continua.

Os dois planejam escapar. Não pode ser no “Flying Trades” pois ele não partirá em menos de um mês. Adam planeja como poderia embarcar em outro navio. Ele está contrariado, mas diz que abandonaria tudo para ficar com Christine. Ela o conforta:

– “Você tem a mim, Adam! Você tem a mim! E seremos felizes assim que estivermos a salvo nas suas ilhas abençoadas!” – e depois, com um arrepio, comenta – “é estranho, Orin estava me falando dessas ilhas.”

Christine precisa partir e os dois se despedem, Enquanto isto, Orin está impaciente. Ele tem as provas que procurava e não quer perder tempo. Lavínia impede que ele vá e lembra que ele havia prometido não perder a cabeça. Ele está furioso:

– “Eu ouvi ela pedir a ele para beijá-la! Eu a ouvi avisá-lo contra mim! E a minha ilha sobre a qual eu contei a ela – que era eu e ela – ela quer ir para lá – com ele!”

Brant volta para o navio. Ao entrar na cabine, Orin entra atrás dele e atira duas vezes. Adam morre. Lavínia e Orin então tentam simular um assalto, levando valores e revirando a cabine. Lavínia pára e encara o morto. Diz para ele:

– “Como pôde você amar tanto aquela venha vil! Mas você está morto. Terminou! Que Deus ache perdão para os seus pecados. Que a alma de Adam Mannon, nosso primo, descanse em paz.”

– “Que descanse no inferno, você quer dizer” – interrompe Orin, que ouve o final da oração. Depois da pilhagem, jogam os valores no mar e fogem.

Quinto Ato

*Mesmo cenário que o primeiro ato – Parte externa
da mansão Mannon na noite do dia seguinte.*

Christine caminha de um lado para outro na entrada da casa diante do pórtico, passando da luz do luar às sombras dos pinheiros, indo e voltando. Ela está muito tensa. Vê alguém se aproximando e dirige-se até a entrada para encontrá-la.

É Hazel. Christine reclama que estava sentindo -se só e triste. Ela pergunta se ela ou Peter têm alguma notícia de Orin e Vinnie. Christine não entende porque os dois não chegaram em casa ainda. Hazel oferece-se para passar a noite com Christine e fazê-la companhia e então deixa-a para ir em casa avisar à mãe que vai dormir fora.

Logo depois da partida de Hazel entram Orin e Lavínia. Christine pergunta:

– “Vocês passaram este tempo todo na casa dos Bradfords?”

– “Não fomos visitar os Bradfords!” – responde Orin.

– “Vocês não foram para Blackridge?”

– “Não” – responde Orin – “pegamos o trem para Blackridge mas decidimos continuar no trem e ir até Boston.”

Christine reage assustada

– “Boston?”

Finalmente, Orin conta tudo: – “Achamos que você aproveitaria a chance de termos ido para Blackridge para escapar. Nós a seguimos quando você chamou seu amante na cabine.”

Christine protesta, mas Orin continua:

– “Seu amante! Não minta! Você já mentiu o suficiente, mãe. Eu estava no convés escutando! O que você faria se me descobrisse, mãe? Teria feito com que seu amante me matasse? Eu ouvi quando você o advertiu sobre mim! Mas seu aviso foi em vão!”

Christine engasga-se:

– “O que? O que houve?”

– “Eu o matei!” – disse Orin.

Christine desespera-se:

– “Eu sabia! Não Orin, você só está me dizendo isto para me punir, não é? Você não mataria...”

Orin lança o jornal nas mãos dela e mostra a história. A polícia suspeita que Adam fora morto por piratas. Christine chora intensamente. Orin protesta:

– “Mãe, não chore. Por que sofrer por esse bastardo? Eu sei que foi ele que planejou a morte do pai! Você jamais seria capaz de fazer isto! Ele a usou para se vingar!”

Christine chora mais alto. Orin grita com intensidade:

– “Mãe! Pare de chorar assim! Você ainda está sob a influência dele, mas vai esquecer. Eu farei com que esqueças ele. Eu a farei feliz.”

Christine parou de chorar, mas fica calada, olhando para o nada. Orin desespera-se:

– “Mãe! Por que você não me ouve? Você vai sempre amá-lo? Você agora me odeia? Mãe! Responde! Diz que me perdoe!”

Lavínia repreende Orin e manda-o para dentro de casa. Ele entra. Lavínia dirige-se a Christine:

– “Mãe, o que você vai fazer agora? Você pode viver!”

– “Viver!” responde Christine em tom irônico como se fosse um insulto. Solta uma gargalhada e corre para dentro de casa.

Lavínia diz a si própria:

– “É a justiça.”

Há um breve silêncio e ouve-se, na distância, a cantiga Shenandoah, cantada por Seth. De repente, ouve-se um estampido. Foi uma pistola. Depois ouve-se um grito terrível. É o grito de Orin, do escritório. Ele chega e encontra o corpo da mãe caído e inconsciente. Corre para Lavínia, enlouquecido:

– “Vinnie! A mãe atirou nela mesma – a pistola do pai – chame um médico!”

Mas logo depois, angustiado, ele diz:

– “Não. É tarde. Ela está morta. Por que ela fez isto, Vinnie?” – e em tom auto-acusatório – “Fui eu! Fui eu quem levou ela a fazer isto. Ela não pôde me perdoar. Por que eu tive que me gabar de tê-lo matado? Por que?”

Lavínia tenta acalmar o irmão, mas é inútil. Ele não aceita. Ele chora amargamente.

Seth está do lado de fora. Ele pergunta a Vinnie se ela ouvira um tiro. Ela responde:

– “Eu quero que vás ao Doutor Blake. Diga a ele que a mãe se matou durante uma depressão extrema por causa da morte do pai. Seth sai e Lavínia entra na casa.

Electra Fica Bem de Luto
Parte III
Assombrações

Personagens:

LAVÍNIA MANNON
ORIN, *seu irmão*
PETER NILES
HAZEL, *sua irmã*
SETH
AMOS AMES
IRA MACKEL
JOE SILVA
ABNER SMALL

Primeiro Ato

*Parte externa da mansão da família Mannon – início de
noite do verão de 1866.*

Todas as janelas da casa estão fechadas. A casa está desocupada. Diante dela cinco homens bêbados: Amos Ames, Ira Mackel, Joe Silva, Abner Small e o jardineiro Seth. Eles conversam e cantam. Em um certo momento eles começam a falar e contar piadas sobre os fantasmas da família Mannon. Small acha graça das histórias de Seth sobre os fantasmas. “Fantasmas não existem”, diz ele. Seth também não acredita em fantasmas, mas decidiu pregar uma peça em Small e aposta dez dólares e um galão de licor que Small não conseguirá ficar lá dentro, no escuro, até a Lua nascer, às dez horas⁵. Silva aceita a aposta e todos entram. Conversam sobre fantasmas. Ficam pouco tempo. Logo saem e apenas Small permanece lá dentro. Do lado de fora continuam com a conversa de bêbado, rindo e discutindo.

Peter e Hazel surpreendem Seth que esconde a garrafa de bebida no jardim. Peter informa-o que Lavínia e Orin acabam de chegar em Nova York. A conversa é interrompida quando a porta da casa é aberta e Small sai de dentro correndo, apavorado. Ele grita “Deus do

⁵ Nos meses de verão, na região da Nova Inglaterra, os dias são bem mais longos que as noites devido à latitude (40° N). O Sol se põe pouco antes das 9 horas da noite e a claridade permanece por mais tempo que nas regiões perto do Equador.

céu! Ou os ouvi correndo atrás de mim!” Peter pergunta o que está havendo e Seth, meio envergonhado, explica. Seth dispensa os amigos. Hazel o repreende.

Peter explica que Vinnie pediu que eles abrissem a casa para limpar. Ele quer fazer isto à noite pois os dois chegarão no dia seguinte. Hazel fica meio assustada com a história dos fantasmas e acha que a energia da casa é muito carregada. Sente arrepios. Ela e Peter conversam sobre Orin e Lavínia, e sobre a viagem que fizeram. Ficamos sabendo que Lavínia levou o irmão em uma viagem para o Oriente para ajudá-lo a esquecer todos os problemas pelo qual passaram. Peter e Hazel encontram Seth, que já voltara, e os três entram na casa.

Pouco depois vemos Lavínia chegando na casa. Ela está diferente. Não está mais pálida e esquelética e agora veste um vestido verde e sensual. Lembra a mãe. Orin está atrás, mas ele hesita em se aproximar da casa. Lavínia o chama. Ele aparenta estar bem mais velho. Agora usa uma barba e parece-se mais ainda com o pai. Ele recusa-se a olhar para a casa. Lavínia ordena:

– “Por que você não olha para a casa? Tem medo? Orin! Eu quero que você olhe agora! Você está me ouvindo?”

Obediente, Orin responde:

– “Sim, Vinnie.” – e vira o rosto e olha para a casa.

– “E então? Você não vê nenhum fantasma, vê?” – pergunta Lavínia.

– “Não.” – responde Orin.

– “É porque não há nenhum. Diga-me que não há nenhum fantasma, Orin!”

– “Sim!” – responde Orin obedientemente.

Seguem para a entrada da casa. Antes de entrarem, Orin pára nos degraus e aponta:

– “Foi aqui – ela – a última vez que eu a vi viva.”

– “É tudo passado e está terminado” – comanda Lavínia – “Os mortos nos esqueceram. Nós os esquecemos. Venha!” – e os dois entram na casa.

Termina a primeira cena do primeiro ato. Na cena seguinte vemos a sala de estar da mansão Mannon. Peter acendeu velas e lanterna, mas a casa está cheia de sombras e com aparência fantasmagórica. Lavínia aparece e todos olham para ela.

– “Por que vocês todos me olham assim?” – ela pergunta.

Percebe que Orin não entrou e grita:

– “Orin! O que você está fazendo aí! Venha cá!” e Orin aparece na porta da sala,

assustado.

– “O que foi?” – pergunta ela.

– “Eu tinha certeza que ela estaria lá no escritório esperando por mim, mas ela não estava! Ela não está em lugar nenhum! Ela se foi para sempre! Ela nunca irá me perdoar!”

Lavínia repreende Orin e pede que ele acalme-se e sente-se. Ele olha para Lavínia de forma estranha e observa:

– “Você não imagina o quanto você está parecida com a mãe, Vinnie.”

Lavínia estranha que Orin tenha ficado esquisito novamente. Ele estava bom desde que haviam deixado as ilhas. Ela só havia concordado em voltar para casa porque ele dissera que estava tudo bem. Ela pergunta o que houve e ele responde:

– “Eu tinha que tirá-la daquela ilha! Era meu dever de irmão. Se ficasse mais tempo lá...”

– “Eu não sei do que você está falando. Eu fui por sua causa.” – responde Lavínia.

– “Sim, mas depois...” – começa Orin, sendo bruscamente interrompido por Lavínia que muda rapidamente de assunto. Ela quer que Orin aproveite e enfrente todos os seus fantasmas imediatamente e faz várias perguntas:

– “Quem matou o pai?”

– “Brant” – responde Orin.

– “Quem matou o pai? – insiste Lavínia – “Responda-me!”

– “A mãe estava sob influência dele...”

– “Isto é uma mentira! – grita Lavínia – “Você sabe a verdade! Ela era uma assassina e uma adúltera, não era? Diga Orin!”

Orin finalmente concorda:

– “Sim.”

Lavínia continua provocando Orin com outras “verdades”, até que ela consegue controlar o irmão. Orin obedece e confirma as versões da irmã.

Quando Peter entra na sala e vê Lavínia, inicialmente se assusta pensando que se trata do fantasma de Christine. Finalmente, a reconhece quando ela o chama e fala como ela está mudada. Ela explica que haviam decidido ficar em Nova York para passar a noite mas no final acharam melhor voltar logo para casa. Lavínia trata Peter com afeição, mas Peter ainda parece temê-la. Pergunta por Orin. Lavínia chama-o e ele vem lentamente falar com Peter.

Orin comenta para Peter:

– “Você a perguntou por que ela roubou as cores da mãe? Eu não consigo ver – ainda – e não creio que ela própria saiba. Mas provará ser por uma estranha razão.”

Lavínia faz um sinal para Peter não levá-lo a sério. Orin continua:

– “E ela tornou-se romântica. Influência das ilhas, não é Vinnie?”

– “Vocês estiveram nas ilhas?” – pergunta Peter, surpreso.

– “Sim.” – responde Orin – “Passamos um mês, mas elas acabaram tornando-se as ilhas de Vinnie, não as minhas. As mulheres nuas me deixaram enjoado. Acho que tenho demais dos Mannon para ser capaz de tornar-me um pagão. Mas você deveria ter visto Vinnie com os homens...” Lavínia, indignada, o interrompe, mas ele continua falando – “... e depois ela se apaixonou pelos homens da ilha...”

Lavínia tenta agir com naturalidade, como se tudo fosse invenção causada pela loucura de Orin, até que sugere que ele vá procurar Hazel. Ele aceita. Ela arruma seus cabelos e roupa como se fosse sua mãe. Orin sai.

Sem Orin, Lavínia aproveita para cortejar Peter. Ela conta que sentira saudades dele e que lembrava-se dele ao ver os homens da ilha. Peter fica feliz com a nova Vinnie, alegre e atenciosa. Ela conta sobre as ilhas, e como as ilhas a ajudaram a esquecer a morte. Fala da areia quente, do mar, dos nativos nus e inocentes. Depois abraça Peter:

– “Oh, Peter, segure-me próximo de você! Quero sentir amor! Amor é todo belo!” – e o beija apaixonadamente. – “Nós nos casaremos em breve, não casaremos? E nos mudaremos para bem longe. Vamos criar nossa própria ilha no continente... Mas eu esqueci Orin.”

– “O que tem Orin?” – pergunta Peter.

– “Não posso deixá-lo até que ele esteja bem de novo.”

Enquanto eles se beijam, Orin e Hazel aparecem de surpresa e os assustam. Cumprimentam-se, mas Lavínia fica pouco à vontade com os atos estranhos de Orin.

Segundo Ato

O escritório – uma noite um mês depois.

Orin está sentado na cadeira do pai à esquerda da mesa, escrevendo sob a luz de uma lâmpada. Uma pilha de manuscritos está do seu lado direito. Ele está absorvido no seu trabalho.

Parece mais velho. Veste preto. Ele sorri ao terminar uma página. Coloca a folha na pilha e olha para o retrato do pai, e pergunta:

– “A verdade, toda a verdade e nada além da verdade! É isto que está ordenando, não é pai?”

Ouve-se uma batida na porta. É Lavínia.

A porta está trancada. Ele guarda os manuscritos numa gaveta e escolhe um livro qualquer da estante, e deixa aberto sobre a mesa para parecer que estava lendo. Destrava a porta. Lavínia entra e o olha desconfiada

– “Por que você trancou a porta? O que você estava fazendo?”

Orin explica que estava lendo, mas isto não convence a irmã. É um livro de direito do pai. Orin diz que está estudando direito, Lavínia ainda não acredita mas não fala mais sobre o assunto. Orin questiona porque ela nunca o deixa a sós com Hazel. Lavínia explica que teme que ele tenha um dos seus delírios e resolva contar tudo que sabe. Mas é exatamente o que ele quer, diz: confessar. É a coisa que mais aterroriza Lavínia. Ele fala de morte, do pai e da mãe e demonstra ter ainda amor pela mãe. Lavínia não se contém:

– “Como você pode ainda amar aquela mulher vil – quando você sabe que tudo o que ela queria era deixá-lo e casar-se com aquele...”

– “Sim” – interrompe Orin em tom acusador – “exatamente como você está agora esquematizando para me deixar e casar-se com Peter! Mas, por Deus, você não vai conseguir! Você vai parar com seus truques quando souber o que estou escrevendo!”

Lavínia assusta-se com a revelação de que Orin está escrevendo alguma coisa. Quer saber o que é.

– “A história da nossa família” – responde Orin. Ele revela que a maior parte do que escrevera é sobre Lavínia “o criminoso mais interessante da família!” Depois tortura Lavínia ao falar dos homens que ela cortejou na viagem para as ilhas: o capitão do navio, que lembrava Brant, e fez com que ela decidisse deixar o luto. Volta a insinuar que ela sempre quis Brant para ela (outro capitão de navio), e continua – “Que paraíso foram as ilhas para você, hein? Todos aqueles homens bonitos olhando para você! Foi quando você finalmente ficou bonita, como a mãe! Você sabia que todos eles lhe desejavam, não sabia? Especialmente Avahanni! Você assistia ele olhando através de suas roupas, deixando-a nua! E você o queria!”

- “Não!” – grita Lavínia.
- “Não minta! O que você fez naquela noite em que eu fiquei doente?”
- “Eu só dei-lhe um beijo de boa noite.” – responde Lavínia.
- “E foi só isso?” – ironiza Orin.

Lavínia perde a paciência, e grita – “E se não foi? Não sou sua propriedade! Tenho o direito de amar!”

Orin, enfurecido, agarra-a pela garganta – “Sua – sua puta! Eu a mato!” – depois, como se passasse por uma transformação, solta-a, e diz mais suave – “Não. Você está mentindo, não é? Pelo amor de Deus diga-me que você está mentindo!”

- “Sim. Era uma mentira. Como você pôde acreditar, Orin? Vamos esquecer tudo isto!”

Orin concorda, satisfeito – “Eu acredito em você sobre Avahanni. Eu nunca suspeitei, ou eu o teria matado. E a você também! Mas você é culpada na sua mente, mesmo assim!”

- “Pare com isto! Eu não agüento mais!” – grita Lavínia.

E Orin sussura, com um ar de louco:

– “Então por que você não me mata? Eu a ajudarei a planejá-la, como planejamos a morte de Brant, para que ninguém desconfie de você! Não vê que agora eu estou no lugar do pai e você é a mãe? E se eu morrer misteriosamente de um ataque cardíaco?”

Lavínia tapa os ouvidos com as mãos e grita – “Pelo amor de Deus, cale a boca! Me deixe em paz! Me deixe em paz!”

Mas Orin ameaça dizendo que sabe que ela está planejando alguma coisa.

– “Eu não irei suportar que você me deixe para se casar com Peter!” – avisa Orin, e ameaça entregar a confissão a Peter caso ela tenta casar-se com ele, ou, caso ele morra.

Lavínia desaba e chora. Orin volta ao normal e tenta confortá-la dizendo suavemente:

- “Não chore! Os danados não choram.”

Mas pouco depois, transforma-se. Senta-se na cadeira do pai e grita para a irmã:

- “Vá embora, por favor! Eu quero ficar sozinho para terminar meu trabalho.”

Ainda chorando, Lavínia busca a porta e sai. Orin tranca-a, abre a gaveta, tira o manuscrito e volta a escrever.

Terceiro Ato

Sala de estar na seqüência do segundo ato.

Duas velas queimam sobre a lareira e há uma lamparina sobre a mesa. Lavínia entra na sala. Vai até a mesa e aumenta a intensidade da lamparina. Ela está muito tensa. Fala sozinha

– “Não agüento! Por que ele insiste em colocar a morte na minha cabeça? Oh Deus! Sabes que eu amo Orin! Mostre como poderei salvá-lo. Não suportarei outra morte!”

Ela ouve um ruído. Acalma-se e faz de conta que está lendo. É Seth. Ele chama Lavínia para resolver um problema com a empregada. Ela sai. Pouco depois, toca a campainha. Seth já está de volta e abre a porta para Peter, que acaba de chegar com Hazel. Peter pergunta por Lavínia. Seth informa-o que ela está ocupada no momento mas voltará logo. Peter avisa que ele irá ter que sair em breve pois tem uma reunião, mas estará de volta em aproximadamente meia hora.

Hazel comenta, com um arrepio:

– “Eu odeio esta casa. Se não fosse por Orin. Ele está ficando pior. Mantê-lo aqui é a pior coisa que Vinnie poderia fazer.”

Peter comenta que é inútil. Lavínia não solta Orin. Hazel lembra que ela nunca sai de perto dele; nunca deixa os dois a sós. Ouve-se um ruído no hall. É Orin. Ele olha em volta e não vê Lavínia. Depois, dirige-se até eles e os saúdam. Peter tem que sair para a sua reunião e despede-se.

Orin pede para Hazel esperar por ele pois ele precisa falar com ela a sós. Ele corre e desaparece no hall, mas depois volta com um grande envelope lacrado. Pede que ela o guarde em um lugar seguro. Hazel quer saber o que é.

– “Você deve prometer nunca abri-lo a não ser que algo aconteça comigo ou se ela tentar casar-se com Peter. Um dia antes do casamento eu quero que Peter leia o que está aí dentro.” – pede Orin.

– “Você não quer que ela se case com Peter?” – surpreende-se Hazel.

– “Não! Ela não pode ter felicidade! Ela tem que ser punida! E olhe, Hazel! Você não deve amar-me mais.”

Preocupada, Hazel convida Orin para se afastar um pouco da casa e passar o dia com ela e seus pais. Orin não acha possível. Lavínia jamais deixaria que ele fosse. A conversa é

interrompida com a entrada de Lavínia. Ela pergunta por Peter e Hazel informa que ele teve que sair mas volta logo. Vira-se para Orin e diz:

- “Pensei que você estivesse no escritório”
- “Eu já terminei o que tinha que fazer.” – ele responde.

Lavínia fica insegura. Hazel também. Lavínia percebe o envelope e pergunta se os dois estão escondendo algo. Orin nega e aproveita para explicar que Hazel o convidou para passar o dia na casa dela. Lavínia responde, preocupada e ressentida:

- “É muita bondade sua. Eu sei que a sua intenção é das melhores. Mas ele não pode ir”

Hazel irrita-se:

- “Por que não? Orin tem idade e pode ir aonde ele bem entender!”

Orin, sentindo-se superior, desautoriza Lavínia. Lavínia irrita-se com Hazel e manda que ela vá cuidar do que é dela. As duas tem uma discussão. No seu descontrole, Hazel esquece-se de esconder o envelope. Orin percebe e grita: – “Hazel!”

Lavínia percebe quando ela esconde o envelope, mas não entende do que se trata. Orin “lembra” a Hazel que ela havia dito que estava de saída. Ela entende o sinal e dirige-se para a porta.

- “Eu tenho que ir” – diz Hazel a Orin. – “Eu esperarei por você amanhã.”

Lavínia põe-se entre Hazel e a porta e pergunta:

- “O que é que você está escondendo atrás de você, Hazel?”

Hazel cala-se. Ela pergunta então a Orin:

- “Você deu a ela o que você escreveu?”

Ele hesita em silêncio. Ela grita, alterada:

- “Responda-me!”

- “Isto é problema meu! E daí se eu dei?” – grita Orin de volta.

– “Seu traidor! Seu covarde!” – grita Lavínia. Depois vira-se para Hazel e ordena – “Me dê isto aí!”

Hazel ofende-se – “Como ousa falar comigo assim!” – e tenta ir embora, mas Lavínia não deixa, impedindo que ela chegue perto da porta.

- “Orin! Mande ela me dar o envelope!”
- “Não!”

Lavínia então muda de estratégia:

– “Orin. Você sabe que eu amo você! Faça Hazel desistir e eu farei qualquer coisa, qualquer coisa que você quiser!”

– “Sério?”

– “Sim.” – ela responde. Orin sorri. Depois dirige-se a Hazel sem tirar os olhos de Lavínia, e pede – “Hazel, dê para mim.”

Hazel entrega o pacote para Orin e despede-se. Ela ignora Lavínia. Orin diz que ela não precisa esperar por ele no dia seguinte pois ele não irá. Hazel deixa a casa chorando.

Assim que Hazel sai, Orin entrega o envelope a Lavínia:

– “Aqui! Você está ciente que a promessa que você fez significa desistir de Peter? E nunca mais vê-lo?”

– “Sim.” – responde Lavínia, tensa.

Orin ainda duvida de Lavínia. Acha que ela não irá manter a promessa tão fácil. Acha que ela não está reagindo como se sentisse o que deveria sentir por ele. Ele se aproxima dela e fala:

– “Há ocasiões em que você não parece ser a minha irmã, nem minha mãe, mas alguma estranha com o mesmo cabelo bonito.” – e acaricia os cabelos dela, ao que ela se afasta violentamente. – “Talvez você seja Marie Brantôme. Hein? E você diz que não há fantasmas nesta casa?”

Lavínia apavora-se:

– “Pelo amor de Deus, Orin! Não! Você está louco! Você não pode estar querendo...”

– “De que outra forma poderia eu ter certeza que você não iria me deixar? Eu tenho que ter alguma certeza ou ficarei louco! Vinnie!” Cala-se por um instante e continua: – “Pelo amor de Deus, Vinnie, vamos agora confessar e pagar a pena pela morte da mãe!”

– “Não, seu covarde. Não há o que confessar! Só houve justiça!”

Orin olha para os retratos na parede e diz como se falasse para eles: – “Estão vendo? Ela é mais difícil de quebrar que eu! Vocês terão que assombrá-la por toda a vida!”

Lavínia tem um surto de ira:

– “Eu te odeio! Eu queria que você estivesse morto! Você é muito vil para viver! Você se mataria se não fosse um covarde!” – e chora histericamente.

A reação de Lavínia faz com que Orin de repente mude de expressão:

– “Vinnie! Outro ato de justiça? Você quer me levar ao suicídio?” – e depois, fascinado, fala para si – “Sim! Isto seria a justiça! Agora você é a mãe! Ela fala através de você! Sim! É o caminho da paz; para minha ilha perdida. A morte é uma Ilha da Paz também! A mãe vai estar lá esperando por mim!” Depois, ansioso, fala com os mortos – “Mãe! Sabe o que farei depois? Eu ficarei de joelhos e pedirei seu perdão e direi...” Ele pára. Sua boca fica convulsiva como se tivesse tomado veneno, e continua – “Eu direi: estou feliz que você achou o amor, mãe: você e Adam!” Começa a rir – “Você me ouviu, mãe? Você está em casa agora! Você me chama! Você está esperando para me levar para casa!”

Orin levanta-se e dirige-se à porta. Lavínia corre e o abraça

– “Não! Orin! Não!”

Ele a afasta, irritado.

– “Sai do meio! A mãe está esperando!”

No caminho até a porta ele encontra Peter.

– “Desculpe-me entrar assim.” – diz Peter – “Onde está Hazel?”

– “Ela foi para casa.” – responde Orin, e se afasta: – “Com licença. Eu vou aqui no escritório limpar minha pistola. Está enferrujada. Venha Peter. Você pode fazer companhia a Vinnie.”

Ele sai pela porta. Lavínia ainda grita – “Orin!” e a porta se fecha. Ela abraça-se a Peter e fala:

– “Segure-me, Peter! Nada importa a não ser o amor, não é? O amor vem antes.”

Ela fala sem parar, atônita. Enquanto fala, faz um movimento para tapar os ouvidos com as mãos. Peter estranha a excitação de Lavínia. Pergunta se ele deve ir tomar a pistola de Orin, pois é perigoso ele manipulá-la naquele estado. Lavínia não responde. Continua falando como se não tivesse ouvido o que ele disse:

– “Não seria maravilhoso, quando nos casarmos e tivermos uma casa com um jardim e árvores...” – e prossegue falando mais alto como se fosse gritar, sempre querendo tapar os ouvidos.

Finalmente, ouve-se um tiro.

– “Meu Deus! O que foi isto?” – grita Peter, e corre para o hall.

Lavínia não se move. Diz baixinho – “Orin! Perdoe-me!” e mecanicamente esconde o

envelope numa gaveta e a tranca. Olha para a parede e começa a falar com os retratos:

– “Por que você me olham desse jeito? Agora estou cheia de vocês, ouviram? Eu viverei apesar de vocês!”

Ela levanta-se e caminha para o quarto.

Quarto Ato

Igual ao primeiro ato – parte externa da mansão

Mannon – final de tarde três dias depois.

Seth surge lentamente na entrada da casa pela direita, à frente. Ele está com uma tesoura de cortar grama, mascando tabaco e cantando, como sempre, Shenadooah. Aparenta ver algo e depois, comenta para si mesmo “Lá está ela colhendo flores de novo! Eu achei que ela ia parar quando o funeral terminasse. Não vai sobrar uma no meu jardim!”

Lavínia aparece pela esquerda. Mais uma vez ela aparece abatida. Vestida de luto, parece mais pálida. Ela está carregando flores e diz a Seth:

– “Pegue estas, Seth, e dê para Hannah. Eu quero a casa cheia de flores. Peter está vindo e eu quero tudo bonito e alegre.”

Seth obedece e conversa com ela um pouco. Diz:

– Não tente morar aqui, Vinnie! Case-se com Peter e vá embora!

– “Eu vou casar-me com ele! E vou embora e esquecerei esta casa e tudo o que aconteceu nela.”

Seth diz a Lavínia que Hazel está vindo na direção da casa. Lavínia fica assustada. Pensa em entrar na casa mas depois fica e pede que Seth vá dar uma volta. Hazel pára e olha para Lavínia, que pergunta:

– “O que você quer?”

– “Não vai demorar muito para eu dizer o que eu vim dizer -lhe Vinnie. Eu sei que é mentira essa história de Orin ter se matado acidentalmente. Eu sei que eu não posso provar mas eu sei que você o levou a isto.” ela responde, depois descontrola -se e começa a chorar, e diz “Desculpe, eu não vim falar sobre Orin.”

Lavínia, mais calma: – “Por que você veio?”

– “É sobre Peter!”

– “Você deixe Peter e eu em paz!” – responde Lavínia agressivamente.

– “Não! Você não vai se casar com Peter e destruir a vida dele! Oh Vinnie, seja justa com Peter! Considere a sua felicidade se você realmente o ama! Já começou! Ele já está se tornando infeliz por sua causa!”

– “Mentira!”

– “Ontem ele brigou com nossa mãe. Ele nunca havia feito isto antes! Você fez com que ele mudasse. Ele deixou nossa casa e passou a noite no hotel. Minha mãe está com o coração partido. Só o que faz é chorar! Por favor, Vinnie!”

– “Não!”

E Hazel continua perguntando se ela não tem medo de levar Peter a fazer o que Orin fez, se um dia ele descobrisse a verdade. Lavínia torna-se violenta:

– “Que verdade, sua tola? Você me deixe em paz, ouviu? Vá embora ou eu pego a pistola de Orin e mato você! Vá embora!” – ela grita e fecha os olhos.

– “Tudo bem” – concorda Hazel, controlada e calma – “Eu irei. Mas você pelo menos deve uma coisa a Peter: deixá-lo ler o que havia naquele envelope. Orin pedira que eu mostrasse a ele antes do seu casamento. Eu disse isto a Peter, Vinnie.”

Ainda sem abrir os olhos, Lavínia fala, tremendo, como para si mesmo – “Os mortos! Por que os mortos não morrem!”

Hazel percebe que Peter se aproxima e vai embora. Peter chega lentamente. Quando vê Lavínia, muda de atitude e a cumprimenta alegremente:

– “Olá Vinnie!”

Lavínia ainda está tensa. De olhos fechados ela pergunta se Peter irá amá-la e se fará tudo para fazê-la esquecer. Ele promete que assim que casarem irão para longe, bem longe daquela cidade. Ele diz:

– “Eu detesto esta cidade e todos que vivem nela!”

Lavínia abre os olhos e olha para Peter atônita.

– “Nunca vi você falando desse jeito, Peter! O que houve? Você brigou com sua mãe e sua irmã por causa de mim? Foi isto?”

– “Como é que você sabe?”

– “Hazel esteve aqui e me contou tudo.”

- “Aquela tola! Por que ela faria isto?”
- “Ela não quer que eu me case com você.”

Peter fica irritado ao saber do que sua irmã fizera, mas tranqüiliza Lavínia dizendo que sua mãe e sua irmã terão que se acostumar com a idéia dos dois juntos depois que se casarem. Mas Lavínia começa a ficar insegura e a fazer perguntas estranhas. Pergunta se ele está desconfiando dela. Pergunta se ele está curioso em saber o que Orin escrevera. Peter assegura que não, e irrita-se com a suposição. Lavínia continua insegura. Desesperada, ela pede:

– “Eu quero me casar agora, Peter! Eu tenho medo! Você se casaria comigo hoje a noite?”

Desnortado e pego de surpresa, Peter fica sem saber o que dizer. Depois, tenta argumentar que seria desrespeito ao luto, por Orin. Diz que não entende porque Lavínia tem tanto medo. Haveria algo que Orin escrevera que poderia impedir o casamento?

Lavínia solta um riso selvagem, e diz:

- “Os mortos, Peter! Eles sempre fariam qualquer coisa para nos impedir!”

Peter fica sem jeito: – “Do que você está falando, Vinnie? Você me faz pensar que havia algo...”

Lavínia reage, desesperada – “Não! Nada!” – e abraça-o forte – “Não pense nisso agora. Quero um pouquinho de felicidade, apesar dos mortos.” Desespera-se mais e implora selvagem – “Peter! Por que devemos esperar pelo casamento? Quero um momento de alegria – de amor! Quero agora! Você não pode ser simples e puro? Esquecer o pecado e vê que todo amor é belo?” – e ela o beija, em paixão desesperada – “Beije-me! Me abrace forte! Queira me! Queira me tanto que mataria alguém para me ter! Eu fiz isto... por você!” – e já quase histérica, tremendo – “Queira me! Leve me, Adam!”

Ela, de repente percebe que chamara Peter de Adam, e depois solta um riso idiota:

– “Mas porque eu lhe chamei de Adam? Eu nunca ouvi esse nome antes a não ser na Bíblia...” – mas depois, fatalmente, desistindo – “Sempre os mortos entre nós. Não adianta tentar mais.”

Peter está chocado com a loucura de Lavínia. Ele diz:

- Você está falando como se estivesse louca, Vinnie! Mas você não é assim.
- “Não posso casar-me com você Peter. Você não deve mais me ver. Vá para casa. Faça

as pazes com Hazel e com a sua mãe. Ame outra pessoa. O amor não é permitido a mim. Os mortos são fortes demais.”

– “Você enlouqueceu, Vinnie? O que fez você mudar tanto? O que foi que Orin escreveu? Eu tenho o direito de saber, não tenho? Tinha alguma coisa a ver com aquele nativo?”

Lavínia inicialmente irrita-se e reage – “Peter, não ouse...” – mas, pouco depois, descobre que é uma forma de resolver tudo e confessa:

– “Tudo bem. Se você precisa saber! Não mentirei mais! Orin suspeitou que eu tivesse me entregue a ele. E era verdade!”

Peter se afasta dela horrorizado:

– “Vinnie! Você enlouqueceu! Não acredito! Você não poderia!”

– “Por que não? Eu o queria! Eu queria aprender am or com ele – amor que não fosse um pecado! E eu consegui! Ele me teve! Eu fui sua mulher!”

Como se tivesse levado um tapa no rosto, Peter olha para ela com horror, com amargura e raiva:

– “Então minha mãe e Hazel tinham razão sobre você. Não me surpreendo que Orin tenha se matado! Deus! Eu só espero que você seja punida!” – depois vira-se e parte.

– Lavínia assiste a partida. Depois, como se acordasse, corre atrás dele gritando – “Peter! É mentira! Eu não...” Mas aí pára, volta e diz em um tom vazio, como se para si própria – “Adeus, Peter”.

Seth aparece, como sempre, cantando. Lavínia toma parte da letra da música e troca o seu sentido:

– Eu não estou partindo, Seth. Eu estou presa aqui – para sempre – aos Mannon mortos!

Seth, assustado, segura-a pelo braço:

– Não entre aí, Vinnie!

Ela tranquiliza-o dizendo que não vai seguir o destino da mãe e de Orin. Decide que vai morar sozinha junto com os mortos. Quer que as janelas sejam lacradas com tábuas e pregos para que a luz do Sol nunca entre. Com uma voz tenebrosa e um riso cruel, pronuncia:

– “Eu sou a última Mannon. Eu tenho que punir a mim mesma! Viver sozinha com os

mortos é um pior ato de justiça que a morte ou a prisão! Eu nunca sairei para ver quem quer que seja. Viverei com os mortos e deixarei que eles me atormentem até que a maldição seja paga e o último Mannon morra.

Seth age como se estivesse entendendo, e depois diz — “Eu não ouvi uma palavra do que você disse, Vinnie. Eu estava distraído procurando por minha tesoura.”

— “Vá então agora fechar as venezianas e lacre-as com pregos.” — ela ordena, — “e diga a Hannah que jogue fora todas as flores.”

Seth obedece. Vai até a janela da direita e fecha-a com um estrondo. Como se isto fosse um comando, Lavínia vira-se e marcha até a casa, entra e bate a porta atrás dela.